

UM INGLÊS NO SÍTIO DE DONA BENTA: ESTUDO DA APROPRIAÇÃO DE PETER PAN NA OBRA INFANTIL LOBATIANA ¹

Adriana Silene VIEIRA

RESUMO *Este trabalho estuda a presença da obra Peter Pan, de James Barrie, nos textos infantis de Monteiro Lobato. Neste processo de apropriação e adaptação da personagem estrangeira, temos, num primeiro momento, a adaptação lobatiana (Peter Pan, 1930) em que a história de Peter Pan é contada por Dona Benta a seus netos. A personagem de James Barrie aparece depois em outras histórias de Lobato, entre as quais se destacam Memórias da Emília (1936) – obra na qual Peter Pan surge no Sítio como um visitante – e O Picapau Amarelo (1939) – obra em que Peter Pan resolve mudar-se para o Sítio, juntamente com outras personagens estrangeiras. Discutimos, assim, a presença de uma personagem da literatura infantil inglesa dentro da obra infantil de Monteiro Lobato, observando a maneira como o escritor trabalha com esta personagem em seus textos. Estabelecemos também um paralelo entre o trabalho feito por Lobato com esta obra específica e os planos do escritor para a criação de uma literatura infantil brasileira.*

SUMMARY *This thesis is a study of the presence of Peter Pan, by James Barrie, in the texts for children by Monteiro Lobato. The process of appropriation and adaptation by Monteiro Lobato of James Barrie's character consists, first, of an adaptation (Peter Pan, 1930), in which Dona Benta tells the story of the foreign character to her grandchildren. Second, there are other stories by Lobato in which James Barrie's character takes part. Examples are Memórias de Emília (1936) and O Picapau Amarelo (1939). In the former, Peter Pan is a guest at Sítio do Picapau Amarelo, and in the latter, he decides to move to Sítio together with the other foreign characters. The thesis discusses the presence of a character that belongs to British literature in Lobato's work. The goal of this discussion is to show how the author operates the insertion of this character in his texts. A parallel is also drawn between Lobato's works for children and the writer's plans of creating Brazilian literature for children.*

¹ Texto resultante da Dissertação de Mestrado, apresentada ao Curso de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, no dia 3 de julho de 1998, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Marisa Lajolo.

Nossa dissertação de mestrado estuda a forma como Monteiro Lobato trabalha com personagens e temas grandes obra da literatura ocidental, fazendo com que estas personagens (infantis ou não) entrem em sua obra e se relacionem com as personagens do Sítio.

Dentre os vários textos estrangeiros presentes na obra infantil lobatiana, escolhemos trabalhar com o *Peter Pan*, de James Barrie, história que surgiu pela primeira vez na Grã-Bretanha, como uma peça de teatro e foi transformada em livro, com o título *Peter Pan and Wendy*. O livro teve uma primeira edição em 1911, que foi utilizada por Lobato em uma adaptação, publicada em 1930 e tendo como título *Peter Pan*, e como subtítulo “*História do menino que não queria crescer, contada por Dona Benta*”. Escolhemos a personagem Peter Pan pelo fato de sua história haver sido também escrita para crianças, contemporânea aos textos de Lobato, e também por fazer parte da literatura inglesa, da qual Lobato fez várias traduções e parece ter recebido grandes influências. A esses motivos junta-se um outro, que é o fato de Peter Pan ser mencionado em 11 dos 35 volumes das *Obras Completas* de Monteiro Lobato, entre as obras classificadas como “Literatura para Crianças” e “Literatura Geral”.

O interesse de Lobato pela cultura anglo-saxã é evidente: o escritor leu e traduziu diversos textos do inglês, alguns dos quais foram por ele comentados nas cartas dirigidas a Godofredo Rangel, publicadas na obra *A Barca de Gleyre*. A palavra “influência”, porém, nos faz pensar em uma atitude passiva em relação à cultura estrangeira, e não retrata a atitude de Lobato, de modo que resolvemos denominar seu trabalho como “apropriação” ou “reinação”, que expressa a atitude de “corroer” o material estrangeiro através do seu contato com o contexto nacional – no caso da obra lobatiana, representado pelo Sítio e seus habitantes.

Mesmo expressando sua admiração pela cultura inglesa e norte-americana, Lobato, sempre apresenta um afastamento crítico, questionando aspectos desta cultura, através das falas de suas personagens. Desse modo, poderíamos afirmar que o escritor parece ter tomado a cultura estrangeira e “devorado”, não apenas repetindo, mas também transformando o que chamaríamos de “motes”² tirados de outros textos.

Ao observar que a personagem de James Barrie se evidenciava dentro dos textos de Lobato, resolvemos persegui-la em algumas dessas aparições. Lobato havia trabalhado também com o *Dom Quixote*, de Cervantes, com personagens dos contos de fadas, das *Mil e Uma Noites*, das lendas gregas, do cinema e dos quadrinhos. Assim, da mesma maneira que estas, a história do menino que nunca quis crescer seria uma das obras eleitas pelo escritor, dentre suas leituras preferidas.

Com relação a essas leituras, o próprio escreveu:

“Eu já disse não sei onde, que temos de ser imãs; e passar de galopada pelos livros, com cascos de ferro imantado, para irmos atraindo o que nas leituras nos aproveite, por força de misteriosa afinidade com o mistério interior que somos. Ler não para

² Chamamos de *motes* os assuntos sugeridos nas histórias estrangeiras que desencadeiam *glosas* ou comentários e até mesmo novas aventuras, a serem vividas pelas personagens do Sítio, um procedimento muito comum nas histórias infantis lobatianas, que comentaremos a respeito da história de Peter Pan.

amontoar coisas, mas para atrair coisas. Não coisas escolhidas conscientemente, mas coisas afins, que nos aumentem sem o percebermos.”³

O *Peter Pan* de James Barrie aparece nos textos lobatianos pela primeira vez em uma adaptação de 1930, chamada *Peter Pan: história do menino que não queria crescer, contada por Dona Benta*. Nessa obra, as aventuras de Peter Pan são introduzidas em outra história, através da fala de Dona Benta. O texto de Lobato começa com um narrador em terceira pessoa, que apresenta as personagens do Sítio perguntando a Dona Benta quem seria Peter Pan, que fora citado em *O Irmão do Pinóquio* (1927).

A avó não sabe responder e então encomenda o livro de James Barrie, escrito em inglês, lê a obra e ao final afirma: “Já sei quem é o senhor Peter Pan”. A partir de então ela anuncia que iniciará a narrativa no dia seguinte, às sete horas, criando o suspense que desperta ainda mais o interesse dos ouvintes. Depois dessa introdução, Dona Benta conta a história, que se apresenta dividida em sei capítulos, representados por seis noites de serão, distribuição que difere do texto de James Barrie, o qual possui 17 capítulos e o dobro do número de páginas. Desse modo, podemos observar que a adaptação de Lobato apresenta um resumo do outro texto.

Mas, além da história de Peter Pan o texto de Lobato traz ainda, entremeada à narrativa de Dona Benta, uma representação do momento do serão no qual se lê o diálogo entre a contadora de histórias e seus ouvintes. Tal situação tenta reproduzir a oralidade do serão, com as interrupções e comentários dos ouvintes, de forma a representar uma recepção prazerosa da história e uma oralização da leitura.

Dona Benta usa várias estratégias que aproximam o texto escrito – a própria adaptação feita por Lobato, que o leitor tem nas mãos – da oralidade. Entre estas estratégias, temos: sua linguagem, com características orais, como a representação de onomatopéias, uso de gírias, e uma forma descompromissada de contar os fatos, como por exemplo ao afirmar que o pai de Wendy chamava-se “não-sei-o-que Darling”; temos também como característica o fato de contar a história de forma resumida, como se fosse contada “de memória”; além disso, a narradora está sempre pronta a atender os interesses de seu público, aproximando os fatos narrados do cotidiano dos ouvintes, de forma que algumas características da história estrangeira sejam assimiladas, como por exemplo ao explicar o significado de *nursery*, palavra que aparece no texto de Barrie.

“— Nursery (pronuncia-se nãseri) quer dizer em inglês quarto de crianças. Aqui no Brasil quarto de criança é um quarto como outro qualquer e por isso não tem nome especial. Mas na Inglaterra é diferente. São uma beleza os quartos das crianças lá, com pinturas engraçadas rodeando as paredes, todos cheios de móveis especiais, e de quanto brinquedo existe.”⁴

³ Trecho retirado de FERREIRA, Hernani, “O Lobato que conheci” In: *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Municipal Mário de Andrade*. N. 32.

⁴ LOBATO, M. *Memórias da Emília, e Peter Pan*, São Paulo, Brasiliense, 1959, p. 152.

O resultado da aproximação sugerida por Dona Benta é que seus ouvintes se identificam com a história de Peter Pan e aproximam-na ainda mais de sua realidade. Desse modo, Pedrinho e Narizinho se identificam com Peter Pan e Wendy. Eles apreciam a história narrada e se envolvem com ela, continuando uma discussão começada no texto entre Peter Pan e Wendy:

“— ‘Oh, não se ofenda, Wendy! Eu tenho este defeito. (...) Quando qualquer coisa de bom me acontece, ponho-me sem querer a contar prosa. Seja Boa. Perdoe-me. Reconheço que uma menina vale mais do que vinte meninos.

— Isso também não! Protestou Pedrinho. Só se é lá na Inglaterra. Aqui no Brasil um menino vale pelo menos duas meninas.

— Olhem outro gabola! Exclamou Narizinho.”⁵

Além disso, ao final do primeiro dia de serão, Narizinho faz comentários elogiosos sobre a história:

“— Estou notando isso, vovó, disse ela. Nas histórias antigas, de Grimm, Andersen, Perrault e outros, a coisa é sempre a mesma – um rei, uma rainha, um filho de rei, uma princesa (...) As histórias modernas variam mais. Esta promete ser muito boa. Peter Pan está com jeito de ser um diabinho levado da breca.”⁶

Tia Nastácia confronta a história inglesa com outras histórias que conhece, discordando de alguns detalhes:

“— (...) Não entendo como é que a senhora Darling foi deixar a janela aberta. Quarto de criança a gente não deixa de janela aberta nunca. Entra morcego, entra coruja – e entram até esses diabinhos, como o tal Peter Pan.

— Boba! Exclamou Emília. Se ela não deixasse a janela aberta não podia haver essa história. Se você fosse a mãe dos meninos deixava a janela fechada, não é? E que aconteceria? Cortava a cabeça da história logo no começo.”⁷

Emília vai além das outras personagens interferindo e criando, de acordo com trechos da história que lhe são sugestivos. A boneca traz um episódio da história para o seu “mundo”, o que se dá quando Emília, depois tomar conhecimento do episódio da obra de Barrie em que a sombra de Peter Pan é cortada acidentalmente – e depois de discutir com Tia Nastácia sobre uma questão a respeito da história – resolve cortar a sombra da cozinheira. Desse modo, a partir de então, cada capítulo (e cada noite do serão de Dona Benta) se abre com Tia Nastácia reclamando pela falta de mais um pedaço de sua sombra, até que no final Visconde descobre ser Emília a responsável por tal arte.

⁵ Idem, p. 163.

⁶ Idem, p. 174.

⁷ Idem, p. 174.

Assim, a história de Peter Pan é introduzida no Sítio sob a forma de leitura, por parte de Dona Benta, e “transmissão da leitura” através do diálogo entre a contadora de histórias e seus ouvintes. Podemos observar no texto de Lobato um reflexo de seus objetivos com relação à divulgação e popularização da leitura: O escritor, que incentivava a leitura no país, que comercializava livros, e que foi antes de tudo um grande leitor, criava também personagens leitoras, como Dona Benta. E, pensando no que poderia ser interessante a seu leitor infantil, aproxima a leitura do ato de contar histórias, introduzindo ouvintes/leitores virtuais: esses leitores virtuais seriam as personagens do Sítio, cujas questões a respeito da história de Peter Pan poderiam representar as perguntas dos leitores de carne e osso, leitores da obra de Lobato. Assim, o escritor apresenta, dentro da ficção, personagens desejosas do conhecimento de histórias estrangeiras e ao mesmo tempo instaura o questionamento das mesmas, com o objetivo de despertar o senso crítico em seus leitores, segundo seu desejo, explicitado em várias cartas d’*A Barca de Gleyre*.

O serão em que Dona Benta conta a história parece reproduzir uma cena doméstica da vida de Lobato em que ele observa a mulher contando histórias a seus filhos, fato comentado pelo escritor em carta de 1916, quando ainda fazia planos da criação de uma literatura brasileira para crianças:

“Ando com várias idéias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha conta. Guardam-nas de memória e vão recontá-las aos amigos – sem, entretanto, prestarem nenhuma atenção à moralidade, como é natural (...) As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Que é que nossas crianças podem ler? Não vejo nada. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta. (...) É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos.”⁸

Através de sua correspondência com Godofredo Rangel, publicada em *A Barca de Gleyre*, escritor mostrava seus interesses com relação ao leitor, desejando que este viesse “morar” em seus livros.

Ando com idéias de entrar por esse caminho: livros para crianças. De escrever para marmanjos já me enjoei. Bichos sem graça. Mas para as crianças, um livro é todo um mundo. Lembro-me de como vivi dentro do Robinson Crusóé do Laemmert. **Ainda acabo fazendo livros onde as nossas crianças possam morar.** Não ler e jogar fora; sim morar, como morei no Robinson e n’ Os Filhos do Capitão Grant.⁹

⁸ LOBATO, M. *A Barca de Gleyre*, V II. São Paulo, Brasiliense, 1952, p. 104. (carta de 8/9/1916)

⁹ *Idem*, p. 292-3. (7/5/1926). Grifos nossos.

O mesmo tipo de identificação com a obra lida é sugerido na relação entre as personagens do Sítio e Peter Pan, identificação esta que o escritor deixa claro desejar que continue com seu leitor real.

É desse modo que as personagens lobatianas, depois de ouvirem a história de Peter Pan, passam a desejar que ele venha fazer-lhes uma “visita”. Como no Sítio tudo é possível, a personagem de James Barrie apareceria em outras obras lobatianas, continuando assim o mote dado no final da história de James Barrie, segundo o qual, depois que Wendy volta para sua casa e cresce, abre-se a oportunidade de Peter Pan visitar outras crianças e levá-las à “Terra do Nunca”. Essa sugestão do texto de Barrie acaba servindo de “pretexto” para as novas renaixões lobatianas, que se seguiriam à sua adaptação.

A presença de Peter Pan em outras obras de Lobato permite que se observe também outra característica marcante na obra infantil lobatiana, que é a sua unidade e continuidade. Assim, Peter Pan, cuja história é contada por Dona Benta a seus netos na adaptação de 1930, aparece no Sítio em outras obras, como que atendendo aos desejos dos leitores lobatianos. Ainda em 1930, na obra *Pena de Papagaio*, aparece no Sítio uma personagem invisível, a quem Emília dá o nome de Peninha, e que levanta fortes suspeitas – nunca esclarecidas – de ser o próprio Peter Pan.

Temos um registro de uma primeira “visita” de Peter Pan ao Sítio em 1931, na segunda versão de *O circo de Escavalinho*, quando esse texto é transformado em um capítulo da obra *Reinações de Narizinho*. Nesse texto as crianças do Sítio preparam homenagens à personagem, com hinos guerreiros e outras honrarias.

Peter Pan só apareceria e interagiria com as personagens lobatianas na obra *Memórias da Emília* (1936) e *O Picapau Amarelo* (1939). Em *Memórias da Emília* temos o primeiro diálogo entre Pedrinho e Peter Pan. Nesse encontro, Peter Pan surge para defender os interesses das crianças inglesas que teriam vindo para o Sítio a fim de verem um anjo caído do céu, em vez disso, encontraram o Visconde vestido de anjo, enquanto o verdadeiro estaria escondido. Assim, o primeiro encontro entre as duas personagens deixa de ser um momento de prestação de homenagem por parte dos habitantes do Sítio do Picapau Amarelo. Ao invés disso, Peter Pan e Pedrinho discutem:

— “Parem! Nem mais uma palavra! Quem vai agir agora sou eu.

— “Peter Pan!... exclamou Pedrinho, reconhecendo o famoso menino que jamais quis crescer.

— “Sim, sou Peter Pan, e já sei de tudo. Esse anjo é falso — é o tal visconde disfarçado em anjo. O anjinho verdadeiro está escondido em qualquer parte.

— “E se for assim? gritou Pedrinho assustado.

— “Se for assim, tornou Peter Pan, ou você nos mostra o anjinho verdadeiro, ou nós damos uma busca em regra neste sítio até o descobrirmos.

Pedrinho encheu-se de coragem e disse com voz firme:

— “**Nós estamos em nossa casa** e saberemos defendê-la contra tudo e contra todos. Medo não temos — de nada! **Quem manda aqui no sítio sou eu** — depois de vovó. **Por bem a coisa vai, senhor Pan, mas por mal a coisa não vai, não!** Nem a pau! Nem a tiro de revólver (...)

Peter Pan caiu em si. Além disso, não queria brigar; queria apenas ver o anjinho verdadeiro; de modo que perdeu a empáfia e disse conciliatoriamente:

— “Reconheço que está em sua casa, Pedrinho, mas você há de admitir que é uma verdadeira judiação nos receberem deste modo. Fizemos uma viagem longuíssima, por ordem do rei, para visitar o anjinho, e ao chegarmos vocês nos impingem um macaco de sabugo! Ora, é preciso concordar que isso é um pouco meio muito...”¹⁰

Pedrinho, ao encontrar pessoalmente a personagem cuja história conhecia e admirava, discute em pé de igualdade com ele, não se colocando, em nenhum momento, em situação de inferioridade ou deslumbamento. Assim, podemos ver na discussão de Pedrinho com Peter Pan uma atitude de não submissão. Essa relação, pelo contrário, é de crítica ou identificação. Pedrinho assume uma atitude rebelde, mostrando que nada teria a dever à famosa personagem em termos de valentia e esperteza, pois estava “em sua casa” e, portanto, tinha também suas razões. Tal situação de conflito remete às críticas de Lobato aos brasileiros que, de maneira submissa, diferentemente de Pedrinho, “macaqueavam” os franceses.

Em *O Picapau Amarelo*, publicada em 1939, Peter Pan, surge novamente no Sítio de Dona Benta. Nessa história, a personagem de James Barrie, assim como várias outras personagens da literatura e do folclore oriental e ocidental decidem ir *morar* no Sítio, pelo fato de, segundo eles, estarem cansados de suas histórias e desejarem viver novas aventuras. Trata-se de uma recorrência da idéia lançada em *Reinações de Narizinho*, em que as personagens dos contos de fadas haviam fugido dos livros que, segundo eles, estariam “embolorados”.

Dona Benta então compra as terras vizinhas às suas para acomodar as personagens maravilhosas e, a partir de então, começa a nova aventura intertextual. É nessa obra que o “Mar dos Piratas” alaga o castelo de Branca de Neve e o Dom Quixote conversa com o Capitão Gancho a respeito dos destinos dados a eles por seus respectivos narradores. Ao ouvir as reclamações de Dom Quixote, o Capitão Gancho diz a ele:

“— Console-se comigo, disse o Capitão Gancho. **Tive o meu Cervantes num historiador inglês de nome Barrie, o qual me meteu a riso diante do mundo inteiro.** Imagine, senhor D. Quixote, que esse Barrie me pinta em seu livro como derrotado várias vezes por uma criança – um menino de nome Peter Pan! E, ainda mais, como perseguido e devorado por um jacaré ... Ora, isso é infâmia pura, porque na realidade sou um dos maiores chefes de flibusteiros do mundo e gozo de perfeita saúde.”¹¹

Essa discussão a respeito do destino das personagens é retomada em outros momentos, dentro da mesma história, como por exemplo quando as crianças do Sítio questionam o fato de o Capitão Gancho, que havia morrido no final da história de Barrie, estar ainda vivo e ter ido para o Sítio.

¹⁰ LOBATO, M. *Memórias da Emília e Peter Pan*, p. 43-4. Grifos nossos.

¹¹ LOBATO, M. *O Picapau Amarelo*. São Paulo, Brasiliense, 1959. p. 103. Grifos nossos.

Ainda em *O Picapau Amarelo*, Pedrinho junta-se a Peter Pan para capturar uma sereia, união que iguala as duas personagens. No texto de Lobato, o herói grego Belerofonte comenta que as sereias existiam (na literatura e no imaginário ocidental) desde os tempos da Grécia Antiga. Porém, a idéia de trazê-las para o Sítio surge a partir da leitura do texto de J. Barrie, pois na história contada por Dona Benta nenhuma sereia é capturada, apesar das várias sugestões da narradora neste sentido, que estimulavam o interesse de seus ouvintes.

Os meninos perdidos tinham muita vontade de apanhar uma sereia viva, coisa quase impossível por serem espertas demais. Não há lambari arisco que tenha a ligeireza duma sereia. Eles já haviam tentado várias vezes e agora iam tentar novamente.

(...)

Era uma sereiazinha das mais lindas que a gente possa imaginar. Teria aí seus sete anos de idade, já sabia pentear-se com o seu pentinho de ouro e já começava a cantar as primeiras cantigas. Tão distraída estava, a seguir os movimentos dum caranguejo na pedra, que deixou os meninos se aproximarem até bem perto. Miguel, que vinha na frente, não se conteve e – zás! – deu um pulo em cima dela.

— Pegou? quis saber Narizinho, ansiosíssima.

— Desta vez pegou, respondeu dona Benta – mas não a segurou bem. As sereias são as criaturas mais lisas que existem, dez vezes mais que o sabão, de modo que a sereiazinha escorregou das unhas de Miguel e lá se foi para o fundo, tal qual a primeira.¹²

Quando Dona Benta comenta sobre uma possível captura das sereias, desperta o interesse de seus ouvintes que logo passaram a desejar terem uma no Sítio, e essa idéia é retomada em *O Picapau Amarelo*, quando Pedrinho e Peter Pan conseguem realizar a grande façanha, narrada por Peter Pan:

“— Caiu nos meus braços, sim, e finquei-lhe as unhas na carne, porque essas criaturas são mais lisas do que o sabão. Consegui assim impedi-la de mergulhar. Nisto chegou Pedrinho e agarrou-a pelos cabelos. O cabelo é o ponto fraco das sereias. Quem consegue agarrá-las pelos cabelos, vence-as — foi o que fizemos. Depois disso tudo se tornou fácil. Puxamo-la para a praia, e de lá até aqui veio arrastada.”¹³

Outro exemplo significativo de intertextualidade e de *reinação*¹⁴ dentro da mesma obra (*O Picapau Amarelo*) são as peripécias das personagens lobatianas que enganam o

¹² Idem. p. 202-3.

¹³ Idem, p. 111.

¹⁴ Estamos considerando intertextualidade esse relacionamento entre as personagens lobatianas e as personagens de outros textos que, dentro da obra ocorre sob a forma de uma brincadeira de criança – a *reinação*. Através dela o autor se apropria de obras estrangeiras, subvertendo suas histórias segundo critérios

Capitão Gancho, vestem o Sancho Pança de Pirata e, finalmente, roubam o seu navio, limpam-no e se apossam dele. O navio, que no texto inglês era chamado de *Jolly Rogers*, e que foi depois nomeado por Dona Benta como “Hiena dos Mares”, é então denominado, pelo Visconde, de “Beija-flor das Ondas”.

“— Vou mandar fazer neste navio uma esfregação com caco de telha. Depois transformá-lo-ei no meu iate [disse Codadad].

— E se Vossa Alteza me permite, disse o Visconde, eu proporei um bom nome para o futuro iate — “O Beija-flor das Ondas”.

Codadad concordou com a poética denominação.”¹⁵

Este é um dos momentos em que as personagens lobatianas demonstram domínio da situação. Ao retomarem alguns elementos da história de James Barrie, elas reproduziram uma espécie de corrosão, com a criação de novas aventuras com as personagens já conhecidas. Entre as interferências das personagens de Lobato, podemos destacar as ações praticadas por Emília, que parece ter nas mãos o destino seu e de seus companheiros, podendo modificá-lo através do faz-de-conta, de forma que, no final de *O Picapau Amarelo*, a boneca chega a salvar seus amigos, revertendo os fatos já ocorridos.

“— Acalmem-se! Ainda há o “supremo recurso”, disse a diabinha.

Todos voltaram-se para ela, suspensos.

— Fale, Emília, fale! implorou dona Benta.

— **Há o “faz-de-conta”! Quando tudo parece perdido, eu recorro ao “faz-de-conta” e salvo a situação.**

Continuaram todos em suspenso, de olhos muito abertos, sem compreender.

— Fácilmo, explicou Emília. Faz de conta que o Visconde cai bem em cima do crocodilo do Capitão Gancho, o qual fatalmente deve estar nadando no Mar dos Piratas em procura do “resto”. O Visconde cai bem em cima dele e conversa com ele e tapeia ele e faz ele acreditar que o “resto do petisco”, isto é, o Capitão Gancho, está no palácio do príncipe Codadad — e o bobo do crocodilo, que é um estúpido, acredita e encaminha-se para lá — e o Visconde pula em terra, sãozinho e salvinho, e corre e avisa ao príncipe. Que tal?”¹⁶

Por fim, nosso estudo da obra de James Barrie dentro dos textos de Lobato abriu caminho para um estudo da influência de outras obras da literatura inglesa na composição da obra infantil lobatiana. E o estudo da grande quantidade de obras de língua inglesa lidas e traduzidas pelo escritor brasileiro despertam nosso interesse para observar até que ponto obras lidas ou traduzidas por Lobato teriam dado “assunto” para sua composição, e como o escritor trabalhou com tais elementos.

e objetivos próprios. Consideramos o termo intertextualidade em seu sentido mais amplo, que lhe admite Bakhtin, isto é o de qualquer tipo de relação entre dois textos.

¹⁵ LOBATO, M. *O Picapau Amarelo*, p. 95-6.

¹⁶ *Idem*, 93-4. Grifos nossos.

Quanto a seu trabalho com Peter Pan, o escritor brasileiro trabalhou com grande criatividade, tomando a personagem de Barrie e vestindo-a com uma nova “roupagem”, de forma que, em sua época, pudesse ser apreciada pelo leitor brasileiro. Essa relação entre as personagens de Lobato e a personagem de James Barrie permite às primeiras que se *apropriem* destas, pois assim como a sercia e o navio pirata são levados para o Sítio do Picapau Amarelo, as personagens lobatianas estariam sempre se apropriando das características das outras e exercendo a função de líderes das aventuras. Assim, o texto de Barrie estaria fornecendo temas que foram desenvolvidos por Lobato o qual estaria, assim, exercendo o papel de “devorador” da personagem de Barrie, enquanto produto da cultura européia.